

# A crise trinitária durante o século XII

## The trinitarian crisis in the XII<sup>th</sup> century

*Gilvan Leite de Araújo\**

---

**Resumo:** O artigo procura evidenciar a crise trinitária do século XII que estabelece entre as teorias trinitárias de Pedro Lombardo e a crítica de Joaquim di Fiori. O debate se desenvolve até o IV Concílio de Latrão em 1215, através do qual é confirmada a teoria de Pedro Lombardo, enquanto Joaquim de Fiori é acusado de quaternidade.

**Palavras-chave:** Trindade, Período, Escolástica.

**Abstract:** This article seeks to highlight the Trinitarian crisis in the XII century through the Trinitarian theories of Peter Lombard and the criticism of Joachim di Fiori. The debate develops up to the IV Lateran Council in 1215, through which has confirmed the theory of Peter Lombard, while Joachim di Fiori will be accused of quaternity.

**Keywords:** Trinity, Period, Scholasticism.

---

### Introdução

Tratar do tema da Trindade em Joaquim de Fiori é tentar articular Economia trinitária, enquanto a revelação da Trindade no evento Jesus Cristo, e a Imanência da Trindade Santa, isto é, Deus em si mesmo coeterno, codivino em seu mistério de amor; ou seja, a relação entre

---

\* Doutor em Teologia Bíblica pelo Angelicum de Roma, é Assistente Doutor do Departamento de Teologia Fundamental da PUC-SP e pertence ao clero da Diocese de Osasco.

Trindade e História.<sup>1</sup> No entanto, o tema aqui desenvolvido não pretende tratar a teologia das três idades a respeito da Trindade elaborada por Joaquim de Fiore; mas, articular os elementos conflitivos, referentes às categorias: Essência e quaternidade. Segundo Salvati, “o fato que Deus seja Pai, Filho e Espírito Santo, nos diz respeito, nos interessa e não é sem consequência e sem importância para nós”.<sup>2</sup> Essa afirmação de Salvati se baseia na profissão de fé Niceno-Constantinopolitano, no qual afirmamos: “Creio em um só Deus Pai... criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis... Creio em um só Senhor Jesus Cristo... por ele todas as coisas foram feitas... Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida...”. Assim, segundo Salvati, “a verdade da criação está em estreita conexão com a realidade Trinitária de Deus”.<sup>3</sup> Diante disso:

no Deus que é amor, acontece um contínuo “deixar espaço” ao outro, uma infinita oblatividade que se configura como geração e como inspiração; existe nele uma eterna e íntima fecundidade que dá lugar ao eterno nascimento em Deus do Filho e à eterna processão do Espírito... em outras palavras, a oblatividade da vida divina, a difusão-vida do amor torna possível não somente a existência do “outro-igual” (o Filho, o Espírito Santo), mas também a existência do outro não coessencial e não consubstancial (a criatura). Assim, a criação pode ser considerada como o fruto de um amor infinito que deixa em si espaço para o finito; de um amor eterno que deixa em si espaço para o tempo; de um amor liberalizante que deixa em si espaço para a finita liberdade.<sup>4</sup>

A dimensão histórica da Trindade se manifesta não somente no ato criador, mas também na ação do próprio Deus-Trindade, como se pode verificar no ato libertador do Êxodo ou na ação profética antigo-testamentária. A implicação histórica da Trindade se torna mais evidente na própria encarnação do Verbo-Divino. Quando a Palavra se faz carne, (Jo, 1,1ss) temos uma ação e uma presença direta da divindade na imanência. Deus entra a fazer parte da história concretamente,

<sup>1</sup> Cf. Nicola CIOLA. *Teologia Trinitária*. Bologna: EDB, 1996. p. 178.

<sup>2</sup> Giuseppe SALVATI. *Io Uno e Trino*. Roma: Città Nuova, 1997. p. 108.

<sup>3</sup> Giuseppe SALVATI. *Io Uno e Trino*, p. 108.

<sup>4</sup> Giuseppe SALVATI. *Io Uno e Trino*, p. 111-112.

interferindo diretamente na história humana, principalmente através do ato redentor operado através da paixão-morte-ressurreição de Jesus Cristo. Segundo Ciola, o Crucificado-Ressuscitado revela na história a intimidade de Deus, através da “epifania do Mistério do Deus Trinitário”.<sup>5</sup>

Em todo caso, o tema da Santíssima Trindade, além de ser objeto central da existência cristã, torna-se a referência da sua ação, da sua existência, da sua espiritualidade e da sua reflexão, em tudo o que ela comporta criação, salvação e santificação.

Quanto ao aspecto da reflexão sobre a própria Santíssima Trindade o século XII nos deixa um rico legado da busca de uma compreensão racional de um tema aparentemente apenas dogmático e espiritual. Este estudo busca humildemente apresentar um pouco da riqueza deste período nos deixado pelas mãos sublimes de Pedro Lombardo, Aberlardo, Joaquim de Fiori, a partir da reflexão sobre Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

## 1. Contexto Histórico do século XII

A Europa do século XII é palco de uma verdadeira revolução. Os séculos anteriores buscavam renascer das cinzas das dominações bárbaras. Tais dominações tinham deixado profundas marcas. Havia influenciado a queda do império romano e conduzido a civilização europeia da cidade para o campo. As cidades tinham praticamente deixado de existir. A cultura tinha sido abolida. As dominações bárbaras implantavam uma nova cultura. Coube a Igreja o papel de salvar a cultura antiga. Serão os mosteiros a construir os princípios da ciência e da pesquisa. Além do mais, sem a vida monástica, o mundo moderno não gozaria dos benefícios do pensamento racional, da ciência, da física, da energia atômica, entre outras contribuições para a vida econômica, política, espiritual, social dos nossos tempos.

Deve-se dizer com muita tranquilidade, que a Idade Média foi a luz e a inspiração para todo o progresso científico da modernidade.

<sup>5</sup> Cf. Nicola CIOLA. *Teologia Trinitária*, p. 178.

Sem esta contribuição provavelmente hoje não existira ciência. Deste modo, os mosteiros tornam-se, aos poucos, verdadeiros centros de cultura. Tal desenvolvimento verificar-se-á com o surgimento da arquitetura e da arte francesa, posteriormente denominada gótica. Neste ambiente de cultura e de pesquisa surgirão as universidades. Esta evolução científica exigirá novos métodos. Neste ambiente intelectual dos mosteiros é que a escolástica apresenta um método científico.

Os mosteiros, além de ser lugar da grande explosão cultural, serão, também, de organização social. Em torno aos mosteiros surgem as cidades, a economia, a política, uma nova Europa. As grandes catedrais góticas surgem como palco da nova civilização europeia, e à ela influência totalmente. As dominações bárbaras tinham conduzido a Europa à idade das trevas e a Igreja, através dos mosteiros, tinha reconduzido a Europa para à luz. Sem dúvida o movimento gótico é uma das maiores revoluções da humanidade, comparável a descoberta do fogo e da roda, e a conquista da lua.

O movimento gótico não é apenas uma revolução arquitetônica, mas, acima de tudo, humana.

Dentro desse ambiente de revolução e evolução científica é que se deve encontrar personagens como Pedro Lombardo, Joaquim de Fiori, Aberlardo e Gilberto de Poitiers. Como filhos do seu tempo, eles são inebriados pela vida monástica, que exige um profundo conhecimento científico. A fé e a razão estão de mãos dadas. Negar o conceito científico seria negar um direito de Deus e, negar a fé, seria negar um direito do homem.

Neste universo envolvido pela áurea da fé e da ciência, estes pensadores, como filho do seu tempo, possuem a responsabilidade de dar razão àquilo que professavam. O indagar científico está unido à oração e ação.

Os grandes centros europeus se formam a partir desta nova realidade. Existe uma profunda necessidade de pesquisar, de descobrir, de indagar. Neste processo surgem brilhantes mentes, que não poucas vezes, em direto confronto entre eles, indagam. O conceito deve ser provado. A escolástica mostra-se um método viável de apresentar racionalmente uma determinada tese.

## 2. A Questão Trinitária durante o século XII

As controvérsias Trinitárias do século XII têm início na escola de Aberlardo e Gilberto de Poitiers.

O debate sobre a Santíssima Trindade durante o século XII busca aprofundar o conceito de “uno” e “trino”, rejeitando e combatendo qualquer sinal de heresia sabeliana ou ariana. A questão é como explicar a Trindade sem cair num modalismo ou triteísmo.

Entre as declarações conciliares, do IV Concílio de Latrão convocado pelo Papa Inocêncio III através da bula *Vineam Domini Sabaoth* de 19 de abril de 1213, destaca-se um fato notável: pela primeira vez um concílio declara como texto oficial da Igreja a doutrina de um autor, citando-o expressamente. Após cinquenta anos da sua morte, Pedro Lombardo obtinha oficialmente o reconhecimento da sua obra *Liber Sententiarum*. A vitória da doutrina trinitária de Pedro Lombardo encerra definitivamente um longo e conflituoso debate a respeito do dogma da Santíssima Trindade. O Concílio condena formalmente o conteúdo doutrinal presente na obra *De unitate seu essentia Trinitatis* de Joaquim de Fiori que, provavelmente, teria sido escrito contra Lombardo a pedido do papa Alexandre III.

Na realidade, o debate trinitário torna-se matéria de preocupação Conciliar como é perceptível no Concílio de Tours em 1163, o Terceiro Concílio de Latrão em 1179 através da violenta crítica de Gualtiero de S.Vittore e finalmente, no Quarto Concílio de Latrão de 1215. Esta preocupação é fruto a intensa atividade acadêmica em torno de temas teológicos, entre eles o dogma da Trindade, no qual se busca uma explicação racional a partir do instrumental científico do sec. XII.

A questão de interesse aqui é justamente o Dogma da Trindade. Sem dúvida, pela primeira vez na história um Concílio defendia e assumia uma proposta teológica de um determinado teólogo, nominando-o explicitamente. Contudo, qual era o problema crucial entre as doutrinas trinitárias de Pedro Lombardo, expressa na sua obra *Liber Sententiarum* e de Joaquim de Fiori na obra *De unitate seu essentia Trinitatis*? Leva-se em conta que Joaquim de Fiori critica publicamente a doutrina Trinitária de Pedro Lombardo. O primeiro ataque aparece na obra Joaquimita *Vita Sancti Benedicti*, onde fala-se de *perfidia*

*Petri*, acusando-o de uma quaternidade *quaternita*) na obra lombardiana.<sup>6</sup> A crítica joaquimita torna-se acirrada na obra sucessiva *Tractatus super quatour Evangelia*. Pode-se dizer que Joaquim de Fiori procurava na reflexão teológica um *vivens ordo rationis*, como ele mesmo expressa nos *Dialogi*.<sup>7</sup>

A discussão a respeito do tema Uno-Trino durante o século XII vem iluminado pela obra *Monologion*, de Anselmo d'Aosta, escrita em 1076. Principalmente através dos capítulos trinta e sete ao sessenta e três que aprofundam o tema trinitário. O debate se avigora com as críticas a Roscellino de Compiègne por Anselmo na *Epistola de incarnatione Verbi*, de 1092, no qual o acusa de sustentar um triteísmo. Desse modo, a obra de Roscellino será condenada durante o Concílio de Soissons neste mesmo ano.<sup>8</sup>

A polêmica em torno do tema trinitário ganha corpo a partir de 1119, através da obra *Theologia summi boni* de Pedro Abelardo, discípulo de Roscellino. A mesma será criticada pelo próprio Roscellino, acusando Abelardo de infundir uma heresia sabeliana, atenuando a diferença entre as três pessoas divinas.<sup>9</sup> Em contestação Abelardo escreve *Theologia Scholarium*, cuja redação final aparece por volta de 1137.<sup>10</sup> apresenta densa elaboração através da reconstrução racional das fórmulas do dogma católico sobre a unidade-trindade de Deus.

As pesquisas realizadas por Pedro Lombardo, Bernardo de Clairaval e Guglielmo de Saint-Thierry surgem sob inspiração da obra de Abelardo. Assim, Joaquim de Fiori recebe influência de Abelardo a partir das obras desses autores.<sup>11</sup> Contudo, Joaquim pode ter tido contato direto com a obra *Theologia Scholarium* de Aberlardo, possivelmente durante a sua estadia na abadia de Casamari.<sup>12</sup>

<sup>6</sup> Cf. RUSCONI, R. *Gioacchino da Fiore tra Bernardo di Clairvaux e Innocenzo III*. Roma: Viella, 2001. p. 335.

<sup>7</sup> Cf. RUSCONI, R. *Gioacchino da Fiore tra Bernardo di Clairvaux e Innocenzo III*, p. 335.

<sup>8</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e Trinità nello Psalterium decem cordarum. In: RUSCONI, R. *Gioacchino da Fiore tra Bernardo di Clairvaux e Innocenzo III*, p. 165.

<sup>9</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e Trinità nello Psalterium decem cordarum, p. 165-166.

<sup>10</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e Trinità nello Psalterium decem cordarum, p. 166.

<sup>11</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e Trinità nello Psalterium decem cordarum, p. 166.

<sup>12</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e Trinità nello Psalterium decem cordarum, p. 167.

O Concílio de Latrão(1215), no entanto, assume a tese trinitária de Pedro Lombardo, rejeitando a *De essentia seu de unitate Trinitatis* (A Essência e a Unidade da Trindade) de Joaquim de Fiori. rejeitando a teoria da “similaridade e da coletividade” adotada por Joaquim na exemplificação da sua tese Trinitária. Contudo, quais são os pontos de convergência ou divergências entre as teses trinitárias propostas pelos dois autores, dentro do “nominalismo teológico” do século XII?

### 3. Percurso de Joaquim de Fiori

O Percurso de Joaquim tem como finalidade afirmar:

Acima de tudo, tu debes levar em consideração que o teu Deus é três pessoas inteiras, completas, perfeitas, que te convença que cada uma delas é Deus completo e perfeito e todas as três juntas são um só Deus, todo simples, todo eterno, todo vivo, todo invisível e palpável. Deus, de fato, é Espírito, não corpo e, portanto, não debes maravilhar-te se três Pessoas são um ser e um só ser, três Pessoas.<sup>13</sup>

O *Psalterium* e a *Theologia scholarum* convergem no tema da “semelhança”: Abelardo apresenta a teofania bíblica através da imagem, figura visível sensivelmente; O Genesis afirma que o homem e a imagem de Deus, por ter sido feito a sua imagem e semelhança. Joaquim afirma que o limite da capacidade humana não e capaz de contemplar as coisas invisíveis de Deus, se não, através das coisas sensíveis. Contudo, a imagem sensível não e capaz de manifestar todos os atributos do Deus transcendente. Assim, o AT e o NT aproximam o homem de Deus, mas não manifestam a totalidade.<sup>14</sup>

A evocação da unidade e da Trindade, totalmente interconexo e totalmente inseparável torna-se perceptível através da figura triangular do saltério. Além do mais, existem duas peculiaridades do instrumento que Joaquim valoriza, ou seja, a expansão espacial e temporal: construído na forma de triângulo, com ângulos visivelmente

<sup>13</sup> D'ELIA, F. *Gioacchino da Fiore, un maestro della civiltà Europea*. Rubbettino: Soveria Mannelli, 1999. p. 45-45.

<sup>14</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e trinità nello Psalterium decem codarum, p. 170.

distinguíveis sem comprometer a unidade da figura inteira. O saltério decacorde torna-se uma referência para o estudo de Joaquim, conforme ele mesmo escreve:

Posicionando o instrumento de modo que o ângulo principal, que é atribuído ao Pai, seja direcionado ao surgir do sol, imediatamente o ângulo que está no verso do “hemisfério boreal” corresponde ao Filho e o ângulo que está direcionado ao hemisfério austral, ao Espírito Santo, nisto está uma grande conveniência. A qual pessoa, de fato, seja conveniente a parte oriental, mais do que aquela da qual nasceu o sempiternamente o sol de justiça, Cristo, e do qual traz fundamento qualquer paternidade no céu e na terra? E a qual pessoa seja conveniente a parte astral, mais do que aquela o Cântico se dirige, dizendo: vem, austro, e espira sobre o meu jardim e efundi os seus aromas? Certamente, Deus Pai princípio do Filho, Pai e Filho juntos princípio do Espírito Santo.<sup>15</sup>

Tendo a unidade da figura, esta é capaz de evocar a relação das pessoas com o espaço do mundo: o Pai-Oriente, de onde provem a origem da vida do cosmo; relaciona-se o Filho-Aquilão, onde as obras de Deus obtêm a vitória sobre o diabo; ambos se relacionam ao Espírito-Meridiano austral que doa o fulgor da luz triangular, não fala de ocidente, porque na expansão espacial da trindade não existe, nem pode existir tramonto; desde sempre e para sempre essa não concede espaço as trevas e não vai ao encontro da morte: Todo o espaço trinitário ocupa um espaço positivo, de salvação e de unificação, onde não se coloca algum lugar que não seja aquele teofânico, que venceu o opositor e para sempre eliminado a tentativa de hegemonia do mal e da morte. A vitória acontece no espaço do Aquilão, segundo um referimento retomado da profecia de Jeremias, não com a destra do onipotente, mas com a sinistra da Kenosis de Cristo encarnado, morto e ressuscitado e com a instauração definitiva da luz e do júbilo do meridiano, do pleno dia, do dia que não tramonta. O oriente e único ponto cardial significativo com tal, porque coincide com o principio de toda teofania, da trindade e do mundo criado, que no espaço e no tempo se manifesta plenamente e definitivamente.

<sup>15</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e trinità nello Psalterium decem codarum, p. 171.

Joaquim relembra que os diferentes pontos do saltério se relacionam também temporalmente, evocando como o mistério da trindade entrou no tempo e como o tempo entra uma manifestação da Trindade.<sup>16</sup> Assim, o ingresso da eternidade no tempo e obra da inteira trindade. Torna-se claro que, o ingresso da eternidade no tempo é obra da inteira Trindade. Leva-se em conta que, o Pai-Eterno fonte de todas as coisas, permanece imperscrutável mistério da sua única transcendência, enquanto o Filho e o Espírito Santo se manifestam no tempo com a finalidade de conduzir a humanidade a conhecer o amor e revelar, deste modo, a profundidade do mistério da origem imperscrutável.<sup>17</sup>

#### 4. Características da Teologia Trinitária de Joaquim de Fiori

O Antigo Testamento não apresenta uma presença formal da Trindade. Para Joaquim este fato tem relação com uma função pedagógica por parte de Deus Pai. Entre o AT e o NT, ele fala em termos de passagem da servidão-obediência a um estado de amizade-caridade. No *Psalterium* o movimento da história surge através de um binário entre o Pai, de um lado, e o Filho e o Espírito Santo, do outro, segundo o binômio Antigo-Novo Testamento. A incompreensibilidade do Pai, que na revelação antiga permanece inviolável, gerou uma religião de adoração respeitosa e de temor servil; a incompreensibilidade desaparece com a manifestação na história dos homens da humanidade do Filho e, na forma de uma pomba de fogo, do Espírito Santo. Toda a Trindade torna-se compreensível. Ainda mais, a manifestação histórica da Trindade é, ela mesma, *intellectus*, ultrapassando o apofatismo do Antigo Testamento e abrindo a inteligência dos homens ao conhecimento da vida unitária expandida em três pessoas, uma revelação operada do amor para suscitar amor. Portanto, a nova revelação revela o estreito laço entre a natureza do Deus Sumo Bem e a realização da salvação na história. Retomando a mesma explicação de Abelardo, Joaquim pensa que a pedagogia divina havia utilizado

<sup>16</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e trinità nello Psalterium decem codarum, p. 171.

<sup>17</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e trinità nello Psalterium decem codarum, p. 172.

do monoteísmo divino, cuja finalidade foi preservar a fé dos hebreus, pois esta teria sido perturbada mediante a revelação trinitária. Isto não comporta falsidade, nem erro e nem engano, devido ao fato que, venerando Deus Pai, os fiéis da antiga aliança foram poupados de cair num politeísmo. Tendo em vista que, a compreensão equivocada da Trindade poderia perturbar o monoteísmo divino.<sup>18</sup>

A idade antigo-testamentária aparece caracterizada como uma época pueril; um povo ainda não amadurecido não teria entendido a unidade íntima da Trindade e teria pensado a uma divisão, ou seja, em termos de três deuses. Por outro lado, o monoteísmo trinitário da nova aliança é sinal do tempo adulto, maduro, da idade da razão.<sup>19</sup> Em todo este discurso de Joaquim de Fiori é possível perceber o ritmo binário, agora com o aspecto pueril/idade da razão.

Na linguagem bíblica do Antigo Testamento, através da exegese patrística, Deus tinha revelado alguma coisa que deixava entrever o mistério trinitário. A presença Trinitária podia ser percebida através do uso do plural, como por exemplo, *Adonai* e *Elohim*, por meio do qual se professava Deus Pai, mas se mantinha oculto o Filho e o Espírito Santo. Esta ideia é trabalhada na *Theologia scholarium* de Abelardo e desenvolvida por Joaquim de Fiori. A revelação trinitária, respeitando a pedagogia divina, infere progressivamente jogando com a história; oculta por um tempo aquilo que revela em um tempo sucessivo de plenitude e cumprimento.<sup>20</sup>

## 5. A Trindade em Pedro Lombardo

Pedro Lombardo, o mestre das Sentenças, concebe a razão humana e sua utilidade possível meio para entender melhor os mistérios revelados. Na linha de Roscellino, Guillaume de Champeaux, Aberlardo, Gilberto Poitiers, ele se dedicou a especulação do mistério Trinitário.<sup>21</sup> Os pontos de vista desses autores e suas respectivas escolas, no que se

refere ao tema da Trindade, tendiam entre dois extremos, ou seja, do triteísmo ao unitarismo.<sup>22</sup> Lombardo, não ignorando as *Auctoritates*,<sup>23</sup> trata do tema trinitário de modo especulativo, ou seja, usa a força da argumentação racional como meio para explicar o mistério trinitário.<sup>24</sup> Na realidade, o tema da Trindade torna-se um objeto do qual se deveria explicar racionalmente a questão da unidade e da multiplicidade e vice-versa. O pesquisador devia levar em consideração a dimensão lógica e a dimensão teológica do tema tratado, ou seja, não era uma mera argumentação especulativa e racional.

A doutrina trinitária de Pedro Lombardo se constrói a partir de duas questões:

- 1) Pode-se afirmar: “*Deus gerou Deus*”?
- 2) Pode-se afirmar: “*Essência gerou Essência*”?

Quanto à primeira questão, Pedro Lombardo indagando se Deus gerou Deus, acredita que não, pois ou se gera um outro Deus ou se gera a si mesmo, o que seria um absurdo. Gerando um outro de si mesmo, se geraria um outro Deus, o que seria um absurdo, pois Deus é um. Dizer, então, que Deus gera a si mesmo é impossível, pois é impossível qualquer autogeração.<sup>25</sup>

Quando se diz “*Deus gerou Deus*” se pode entender a partir de dois modos: a) Deus Pai gerou Deus Pai ou b) Deus Pai gerou Deus que não é Pai, ou seja, o Filho que é Deus. Portanto, Deus Pai gerou Deus Filho.<sup>26</sup>

Quanto à segunda questão, Lombardo indaga se a “*Essência gerou a Essência*”. Esta questão é bem mais complexa, levando-o a dividi-la em outras duas questões: a) pode-se dizer que Deus Pai gerou a divina Essência? b) é possível afirmar que a Essência gerou o Filho? Na realidade, busca-se estabelecer se a divina Essência seja gerada ou se ela seja geradora. Entendendo por divina Essência a

<sup>18</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e trinità nello Psalterium decem codarum, p. 173.

<sup>19</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e trinità nello Psalterium decem codarum, p. 173.

<sup>20</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e trinità nello Psalterium decem codarum, p. 174.

<sup>21</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 130-131.

<sup>22</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 131.

<sup>23</sup> *Auctoritates* = expressão relativa aos Santos Padres da Igreja.

<sup>24</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 131.

<sup>25</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 132.

<sup>26</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 132.

divina Natureza que é comum às três Pessoas.<sup>27</sup> Quanto à questão se o Pai gerou a divina Essência, Lombardo responde: “se o Pai tivesse gerado a divina Essência, esta seria relativa ao Pai. Contudo, o relativo não pode indicar a substância. Ainda mais se o Pai, que é, ele mesmo, a divina Essência, a tivesse gerado, este seria o pai de si mesmo, o que seria um absurdo. Além do mais, se o Pai tivesse gerado a divina Essência, que é ele mesmo, ele seria gerado, o que é um absurdo”.

Quanto à segunda questão, ou seja, se a divina Essência gerou o Filho, Lombardo responde: “se assim fosse o Filho, que é a divina Essência, seria aquilo da qual foi gerado e, assim, a mesma pessoa haveria gerado si mesma, o que é absurdo”.

Portanto, a Essência divina não é nem geradora nem gerada e, assim, sobre ela não se pode dizer *genuit Essentiam*, porque à ela não se pode dar aqueles atributos que são próprios de cada pessoa divina. A consequência disso é que a divina Essência é algo comum da única *summa res: cum enim una et summa res sit divina Essentia*, ao qual, portanto, não seria geradora e gerada.<sup>28</sup>

A crítica de Joaquim de Fiori versava sobre três pontos essenciais:

- 1) A causa de quaternidade, para a doutrina da *summa res ingenerans, ingênita e non procedens*;
- 2) A declaração que é absurdo admitir que *Deus genuit Deum e non Essentia genuit Essentiam*;
- 3) O contraste da afirmação lombardiana com o ensinamento dos Santos Padres de Igreja.<sup>29</sup>

## 6. A Crítica de Joaquim de Fiori

Joaquim de Fiori escreve *Psalterium decem cordarum* entre 1184 e 1185. A sua obra surge após quase cem anos da *Monologion* de Anselmo D'Aosta, escrita por volta de 1076. Pedro Abelardo havia

publicado a sua obra *Theologia summi boni* inteiramente dedicada à Trindade entre 1119 e 1120. Roscellino de Compiègne critica a obra de Abelardo e pede a condenação desta no Concílio de Soissons (abril de 1121), acusando o autor de sabelianismo. Abelardo rejeita a acusação de Roscellino e reformula de modo mais amplo e orgânico a doutrina Trinitária na obra *Theologia Scholarium* que se torna um marco no estudo da Trindade. Nesta obra, Abelardo apresenta uma elaboração densa da doutrina Trinitária, uma profunda reconstrução racional das formulações do dogma católico sobre a unidade e a trindade de Deus, desenvolvida a partir dos Padres da Igreja.<sup>30</sup>

Abelardo, além da análise da doutrina revelada, amplia a argumentação filosófica produzida até então sobre a unidade da substância divina e sobre a distinção entre as três pessoas divinas participam da mesma substância divina, se mantendo sempre em linha com a documentação bíblica, conciliar e patrística. A *Theologia Scholarium* de Abelardo constitui um ponto decisivo para o debate trinitário posterior.<sup>31</sup>

A influência da teologia trinitária de Abelardo em Joaquim de Fiori pode ter vindo através das obras de Pedro Lombardo, Bernardo de Claraval e Guglielmo di Saint Thierry, tendo em vista as diversas referências desses autores nos escritos de Joaquim.<sup>32</sup> Leva-se em conta que provavelmente Joaquim tenha consultado diretamente a *Theologia Scholarium* enquanto se encontrava a Casamari, como dizíamos acima.

A questão contra Pedro Lombardo surge durante o III Concílio de Latrão em 1179, no qual alguns mestres pediram censura contra a sua obra. A censura não houve, mas incrementou o debate trinitário que terá o seu clímax alguns anos depois, durante o IV Concílio de Latrão, com a aprovação incondicional da obra de Pedro Lombardo e a censura da obra de Joaquim de Fiori.<sup>33</sup> Leva-se em consideração que a obra *De tropis Loquendi* de Pedro Cantore, escrita entre 1180

<sup>27</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 132.

<sup>28</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 132-133.

<sup>29</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 134.

<sup>30</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteismo e trinità nello Psalterium decem codarum, in *Gioacchino da Fiore tra Bernardo di Clairvaux e Innocenzo III*, a cura di R. Rusconi, Viella, Roma, 2001. p. 165-166.

<sup>31</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteismo e trinità nello Psalterium decem codarum, p. 166.

<sup>32</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteismo e trinità nello Psalterium decem codarum, p. 167.

<sup>33</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteismo e trinità nello Psalterium decem codarum, p. 167.

e 1197, típica obra do período nominalista parisiense, trabalha as ambiguidades que a análise gramatical e lógica apresentam ao tratar questões relativas ao significado de *unum* e *idem*, *unitas* e *unio*, *diversum* e *diversitas* que dizem respeito à unidade da essência divina comum as três pessoas da Trindade. Tal estudo reaparece no primeiro livro do *Psalterium* de Joaquim de Fiori.<sup>34</sup>

Analisando a elaboração doutrinal que permeiam as sete distinções do primeiro livro do *Psalterium* é possível perceber a vontade e o esforço do autor em valorizar o percurso que conduz a contemplação do mistério de Deus uno e trino indicado pela figura do saltério deca-corde. Joaquim utiliza os tratados de autores da sua época, seguindo o padrão deste período de fidelidade a ortodoxia e rejeição de posições heréticas. Nesta obra percebe-se a influência da obra *Theologia summi boni* de Abelardo, no qual o autor relaciona o tema do Nome de Deus e o Nome do Sumo Bem, este último muito utilizado entre os filósofos e teólogos antigos. Abelardo utiliza o tema do Sumo Bem na tentativa de encontrar uma base especulativa para o tema da Trindade. Para Abelardo “a completa perfeição do ‘bem’ consiste nestas três determinações: potência, sabedoria e bondade, e cada uma perde o seu valor na ausência das outras duas” (Abelardo, *Theologia Summi boni*, I,3). Outra influência abelardiana na obra joaquimita é o uso de pessoa ao plural, a propósito da Trindade, no qual se professa três pessoas e não vários deuses ou senhores, sem manifestar alguma pluralidade nas outras coisas, ou seja, na substância, na natureza ou na essência: *solum hoc nomen quod est persona pluraliter proferimus*. Joaquim por sua vez escreve: *nomen persone prolatum in plurali numero pluralitatem indicat, singularitatem devitat, nomen substantie unitatem retinet*. Como último ponto de contato de articulação, encontramos na obra de Joaquim onde escreve que “alguns atribuem ao Pai a potência, ao Filho a sabedoria e ao Espírito Santo a vontade e o amor”. Joaquim observa que se as expressões como sabedoria, fortaleza, caridade, amor de Deus se encontram nas Sagradas Escrituras e com estas são designadas o Filho e o Espírito Santo, não se encontra nas mesmas Escrituras a expressão *potentia Dei*, somente adjetivos como potente ou

onipotente aplicadas ao Pai.<sup>35</sup> Este último ponto é uma continuidade do debate sobre esta questão surgida entre Abelardo e Pedro Lombardo.

Entre as convergências do *Psalterium* com a *Theologia scholarium* encontra-se a defesa da via da similitude.

## Conclusão

Nas conclusões Conciliares do IV Concílio de Latrão (1215) encontra-se o seguinte decreto: “Condenamos e rejeitamos o libelo ou tratado *De Unitate seu essentia Trinitatis*, que o abade Joaquim da Fiori publicou contra Pedro Lombardo, chamando-o de ‘herético’ e ‘insano’... nós, ao contrário, com a aprovação do sagrado e universal Concílio acreditamos e professamos com Pedro... e se alguém quiser defender ou aprovar as doutrinas de Joaquim seja declarado por todos herético”.<sup>36</sup> O texto conciliar possui um tom polêmico, mas devido a ausência das Atas Conciliares torna-se impossível saber como foram os debates durante as sessões. Possivelmente, o próprio Papa Inocêncio III tenha tomado partido a favor de Pedro Lombardo. Em todo caso, o IV Concílio de Latrão dava um ponto final ao longo e controvertido debate a respeito da questão trinitária que envolvia o século XII.<sup>37</sup>

O texto conciliar condenava tanto a crítica de Joaquim de Fiori a Pedro Lombardo quanto o conteúdo da doutrinal do tratado *De unitate seu essentia Trinitatis*. Lamenta-se que a obra tenha desaparecido e muitos dos comentários posteriores provêm de obras como *Liber contra Lombardum* e *Liber de vera et falsa philosophia* não escritas por Joaquim.<sup>38</sup>

O tratado *De unitate seu essentia Trinitatis* negava existir um “algo” ou “essência” ou “substância”, ou “natureza” do único para as três pessoas divinas: *nulla res est quae sit Pater et Filius et Spiritus Sanctus, nec est essentia, nec substantia, nec natura*. O Concílio

<sup>34</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e trinità nello *Psalterium decem codarum*, p. 168.

<sup>35</sup> Cf. A. GHISALBERTI. Monoteísmo e trinità nello *Psalterium decem codarum*, p. 169.

<sup>36</sup> E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, Istituto Geográfico de Agostini, Novara, 1957. p. 129.

<sup>37</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 129.

<sup>38</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 129.

concebe que esta negação resulta na negação da unidade divina, ou seja, negando existir uma essência comum às três pessoas divinas, resultaria na negação da unidade substancial do mistério Trinitário, reduzindo a uma unidade puramente coletiva ou de similitude: *Unitatem hujusmodi non veram et propriam, sed quase collectivam ET similitudinariam esse fatetur*.<sup>39</sup> Essa conclusão surge a partir dos exemplos propostos por Joaquim de Fiori para ilustrar as suas ideias como “muita gente é igual a um povo” ou “muitos fiéis é igual a uma Igreja”. Nestes exemplos não existe uma união de essência, mas uma união puramente voluntária ou coletiva.<sup>40</sup>

Joaquim considerava uma heresia dizer que existe uma *summa res* ao qual não se possa atribuir as especificidades das pessoas divinas: “gerador, gerado e procedente”. Assim, ele acreditava que Pedro Lombardo havia transformado a Trindade em uma quaternidade, ou seja, uma determinada essência tornava-se quase que uma quarta hipóstase na Trindade: *unde asserit quod ille non tam Trinitatem quam quaternitatem adstruebat in Deo videlicet, três personas, et illam communem essentia quase quartam*.<sup>41</sup>

Sem dúvida, faz-se necessário considerar que a partir de uma perspectiva histórica bastante ampla, é possível reencontrar em Joaquim de Fiore o sentido básico da doutrina trinitária, definida e proclamada no decorrer do pensamento patrístico, dos Padres capadócios e dos padres latinos.<sup>42</sup>

Indubitavelmente, ao estudar o pensamento trinitário de Joaquim, exige-se a compreensão Também é necessário compreender o desenvolvimento sobre O Primeiro Princípio unitário reproduzido de modo similar na estrutura elementar do sistema hermenêutico e do sistema histórico. Um único módulo hermenêutico habilita três métodos entrelaçados de tal forma que constituem um: a) o método alegórico, b) o método tipológico, c) o método *per concordia* ou concordístico,<sup>43</sup>

ou ainda da própria leitura espiritual.<sup>44</sup> Certamente, após o Concílio Vaticano, com o retorno às fontes, é possível afirmar que a teologia trinitária de Joaquim de Fiore, pode ser compreendida na dinâmica da Pericórese da teologia grega.

## Bibliografia

CIOLA, N. *Teologia trinitária*. Bologna: EDB, 1996.

SALVATI, G. *Io Uno e Trin*. Roma: Città Nuova, 1997.

RUSCONI, R. *Gioacchino da Fiore tra Bernardo di Clairvaux e Innocenzo III*. Roma: Viella, 2001.

<sup>39</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 129-130.

<sup>40</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 130.

<sup>41</sup> Cf. E. BERTOLA. La Dottrina Trinitária in Pietro Lombardo, p. 130.

<sup>42</sup> ROSSATTO, N. D. Joaquim de Fiore. *Trindade e Nova Era*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 145-146.

<sup>43</sup> Ibidem, p.52.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 327.